

Stadium

Benfica - S. E. U.

Jogaram as equipas de «rugby» destes dois clubes - portugueses e espanhóis. Estes venceram. Eis uma fase do jogo: saída de um «touche».



N.º 330

30 DE ABRIL DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

Estoril e Atlético subiram na Tabela

Outros descenderam...

SPORTING e BENFICA conservam, sem inquietações, os seus lugares!

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

A jornada número dezoito forneceu resultados interessantes, os quais de certo modo influíram na classificação geral, não quanto ao título, que pode dizer-se caso morto e liquidado, mas em posições intermédias. Algumas equipas fizeram exhibições razoáveis, e outras actuaram abaixo do seu nível. Entre os resultados obtidos avulta o de Elvas, que castigou o Belenense, e ainda o de Setúbal, que rendeu três pontos aos lisboetas da Tapadinha. Também não eram de esperar *desníveis* tão acentuados no Estoril, em Guimarães, no Bessa, e mesmo no Campo Grande, onde se verificava o mais acentuado desnível de forças. Resultados que se verificaram:

Boavista... 5 — Famalicão... 0
Vitória S... 3 — Atlético... 4
Académica... 1 — Sporting... 3
Vitória G... 1 — Porto... 4
Benfica... 13 — Sanjoanense 1
Elvas... 1 — Belenenses... 0
Estoril... 6 — Olhanense... 1

A jornada, um pouco desconcertante, pôs a claro os defeitos e insuficiências de várias equipas, elevando outras.

O Sporting, cheio de moral, conseguiu passar, vitoriosamente, o obstáculo de Coimbra. O Benfica dá a ideia de melhoria de conjunto, enquanto que o Belenense desce — por causa da linha atacante. O Estoril continua a desempenhar um bom papel. Porto não deixa os seus créditos por mãos alheias. Atlético luta com um ardor combativo que está no fundo da sua vida clubista.

A Tabela ficou ordenada da seguinte maneira:

Sporting 34 pontos, 17 vitórias e 1 empate, 87 bolas contra 31; **Benfica** 28 pontos, 14 vitórias e 4 derrotas, 74-36; **Estoril** 21 pontos, 10 vitórias, 1 empate e 7 derrotas, 67-37; **Belenenses** 21 pontos, 9 vitórias, 3 empates e 6 derrotas, 44-22; **Porto** 20 pontos, 9 vitórias, 2 empates e 7 derrotas, 49-35; **Atlético** 18 pontos, 8 vitórias, 2 empates e 8 derrotas, 35-45; **Vitória de Setúbal** 17 pontos, 7 vitórias, 3 empates e 8 derrotas, 35-27; **Olhanense** 16 pontos, 7 vitórias, 2 empates e 9 derrotas 39-57; **Académica** 16 pontos, 7 vitórias, 2 empates e 9 derrotas, 38-59; **Vitória de Guimarães** 15 pontos, 6 vitórias 3 empates e 9 derrotas, 35-40; **Elvas** 15 pontos, 7 vitórias, 1 empate e 10 derrotas, 44-56; **Boavista** 14 pontos, 5 vitórias, 4 empates e 9 derrotas, 23-46; **Famalicão** 12 pontos, 5 vitórias, 2 empates e 11 derrotas, 42-69; e **Sanjoanense** 5 pontos, 2 vitórias, 1 empate e 15 derrotas, 17 bolas contra 78.

Marcaram-se 46 goals, o maior número de todas as jornadas, sendo as consequências as seguintes: Estoril e Atlético trocaram, respectivamente, com Belenenses e Setúbal, passando o primeiro dos indicados para o 3.º lugar e o segundo para a 6.ª posição.

No Porto e em Setúbal

No Bessa, os boavistas marcaram com a facilidade que os números exprimem, dando a impressão que a linha atacante dos portuenses, ao contrário de outras ocasiões, encontrara desta vez o caminho das balizas. E, segundo parece, ainda há uma folga sensível de falta de remate...

Os portuenses foram superiores, e como jogaram mais ao ataque do que à defesa, o seu conjunto funcionou com afinção. Parece provado que o ataque do Boavista é melhor do que a defesa. Para o facto contribuiu a subida de Caiado!

O Famalicão realizou um mau trabalho, mostrando a sua avançada fraca ligação. Como consequência, a mais penosa das tarefas recaiu no sector defensivo, este deixando bater-se com relativa facilidade. O *team* está acostumado à presença de Szabo, e isso constitui atenuante.

Boavista — Carlos Silva, Vinagre, Garcia, Serafim, Raimundo, Zeca, Armando, Ramos, Caiado e Barros.

Famalicão — Sansão, Armando, Cerqueira, Ferrão, Adelino, Costa, Manita, Pires, Alvaro Pereira, Mendes e Gita.

Árbitro — Borques Leal, de Lisboa.

O desafio de Setúbal foi disputado com espantosa energia, e ambos os *teams* se empenharam o mais que lhes foi possível. Jogou-se ao ataque de ambos os lados, bola num e noutro campo, num andamento rápido, e bem se sabe que, quando tal acontece, regra geral, a execução vê-se um pouco sacrificada.

Assim, vivendo as duas equipas da ideia de ataque, o resultado havia de se decidir na defesa. Tal qual sucedeu. Neste capítulo, os homens de Lisboa afirmaram superioridade sobre Setúbal. A defesa atlética, unida e sólida, opôs-se com vantagem ao jogo rectilíneo de perfuração do seu adversário. Os setubalenses não desenharam jogadas subtis e destras. Longe de isso. Pretenderam bater os habitantes dos Arcos pela força e energia, e a arma adoptada voltou-se contra eles.

Setúbal — Baptista, Motez, Figueiredo, Pereira, Pina, Soeiro,

Campos, Nunes, Cardoso Pereira, Rendas e Passos.

Atlético — Correia, Baptista, Castro, Rosário, Lopes, Armando, Manuel da Costa, Rogério, Amaral, Gregório e Marques.

Árbitro — Contente de Sousa, de Santarém.

Em Coimbra e Guimarães

Fica-se com a impressão de que o Sporting venceu bem, mas que a Académica produziu um trabalho digno de nota. Só na fase final (últimos vinte minutos), os *leões* mostraram a sua categoria, jogando, então, na sua magnífica ligação. Na parte restante do encontro, a Académica praticou um futebol alegre, fresco e de boa colaboração, que chegou a desorientar o seu adversário. De umas vezes, por culpa própria, e de outras, por não ter sorte, a Académica não resolveu o problema. Basta citar duas bolas, que esbarraram na trave sportinguista quando o resultado era a igualdade, um-a-um.

Académica — Szabo, António Maria, Brás, Eduardo Santos, Mário Reis, Aristides, Belo, Pacheco Nobre, Eduardo Lemos, Azeredo e Bentes.

Sporting — Azevedo, Cardoso, M. Marques, Canário, Barrosa, Veríssimo, Armando Ferreira, Vasques, Jesus Correia, Travassos e Albano.

Árbitro — Vieira da Costa, do Porto.

O Vitória de Guimarães começou bem — decaído aos poucos. A defesa portuense cerrou as fileiras com pericia, e Barrigana deu-lhe confiança. Com uma defesa sólida, a equipa pôde trabalhar no ataque com disciplina de movimentos, tornando-se destacada a acção do novo avançado-centro.

Os rapazes de Guimarães, su-

plantados pelo conjunto adversário, começaram a praticar erros, não vigiando convenientemente as unidades do ataque contrário, o qual soube explorar a fundo essas falhas e deficiências.

Guimarães — Machado, Curado, José da Luz, José Maria, Garcia, Luciano, Franklin, Rebelo, Bristo, Teixeira e Alcino.

Porto — Barrigana, Alfredo, Guilhar, Joaquim, Romão, Carvalho, Lourenço, Araújo, Boavida, Freitas e Catolino.

Árbitro — Manuel Serrano, de Coimbra.

No Campo Grande e no Estoril

Há desafios em que a história é tão curta que se conta em breves palavras: um *team* é senhor do campo, e outro não se sente bem lá dentro: caso do Benfica em frente do Sanjoanense.

Ao quarto de hora, o resultado de 4-0 a favor dos lisboetas do Campo Grande havia resolvido sem apelo nem agravo o problema. A Sanjoanense, já pouco forte, viu ainda diminuídas as suas forças.

Que fazer ante um adversário desta categoria? A Sanjoanense não cruzou os braços, não se entregou, mas teve de aceitar o jogo. O pior é que, nesta hipótese, as deficiências surgem ao de cima e ainda parecem maiores do que normalmente. O Benfica, um pouco em ar de treino, com um avançado-centro em dia de acerto e disposição de goals, elevou o número de pontos com facilidade.

Benfica — Martins, Félix, Fernandes, Jacinto, Moreira, Horácio, Espírito Santo, Arsénio, Júlio, Baptista e Rogério.

Sanjoanense — Barbosa, Joaquim, Costa Leite, Santa Clara, Baptista, Silva, Pardo, Rocha, David, Azevedo e Arlindo.

Árbitro — Mário Veiga, de Leiria.

Por certo a partida da Amoreira pode classificar-se de curiosa. Teve fases agradáveis e golpes de efeito, até determinada altura — enquanto houve luta. Logo que a balança se inclinou decisivamente para um dos lados, o interesse diminuiu.

Os algarvios começaram razoavelmente, movimentando-se com graça e rapidez, muito desembaraçados. A defesa do Estoril foi obrigada a ter as maiores cautelas na sua marcação, e mesmo assim o seu trabalho não brilhou, havendo a impressão de que o ataque olhanense era superior à defesa de Amoreira.

Mas isto durou até o momento em que coube a vez da defesa de Olhão ser apertada. De então para diante, o começo deste período pode marcar-se com o goal de bandeira de Bravo, a vantagem de futebol dos homens do Estoril foi nítida, quase absoluta. Com o vento contra, ainda por cima, a ofensiva algarvia deixou-se contamar pelo que se passava nas linhas mais atrasadas, e o conjunto esfaleou-se... O guarda-redes de Olhão, numa exibição desastrosa, contribuiu no maior quinhão para o descalabro.

No lado do Estoril deve salientar-se o trabalho esforçado e magnífico do interior Bravo, que nos compenhou do mau futebol, ou,

Ano V — II Série — N.º 230
Lisboa, 30 de Abril de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

—
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, -3.º
Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINE DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

CAMPEONATO DE LISBOA

Nunca o campeonato regional manteve tamanha interesse pela incerteza do resultado, como neste ano.

Ao fim da primeira volta, quatro equipas podiam ainda aspirar ao titulo: Técnico, derrotado pelo Sporting; Ateneu, derrotado pelo Técnico; Benfica, que perdera contra os dois precedentes e Sporting, que se deixara vencer pelo Ateneu e pelo Benfica.

Na primeira jornada da segunda metade do torneio, os «leões» arderam do caminho para o titulo os rivais e vizinhos do Campo Grande; os «benfiquistas» foram claramente batidos, apesar do aparente equilibrio de pontuação na segunda partida. Batidos por 15-5 com vento a favor, chegaram depois da mudança de campo a 10-4, para perderem de novo por 13-15.

O grupo sportinguista, todo formado por elementos muito novos,

talvez, da falta de emoção. Bravo jogou excelentemente.

Estoril — Sebastião, Pereira, Alberto, Oliveira, Nunes, Fragateiro, Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Lima.

Olhanense — Eduardo, Rodrigues, Eminência, J. Santos, Grazina, Loulé, Moreira, Joaquim Paulo, Eusébio, Salvador e Palmeiro.

Árbitro — Cunha Pinto, de Setúbal.

Em Elvas

Mais uma vez, o Belenenses mostrou insofismavelmente a sua insuficiência de execução no ataque. Desta vez, pelo que chega até nós, além dos seus reconhecidos vagares, o *team* não teve atrevimento, encolhendo-se por vezes em ocasiões em que era preciso audácia.

Felizmente para os lisboetas das Salésias, a defesa não perdeu a serenidade — mantendo a sua organização. Feliciano comportou-se com brio e fez bom jogo, mas deve salientar-se principalmente a actuação excelente do guarda-redes Capela, que vem descrevendo com segurança uma trajectória excepcional na sua *forma*. Os médios belenenses viram-se em sérias dificuldades para conter o ímpeto elvensê, não só à base de entusiasmo mas também de jogo urdido conscienciosamente, na fórmula de todos para todos. Sem egoísmos! Deve, mesmo, salientar-se que, com melhor estrela, o Elvas teria chegado mais longe, escrevendo talvez a sua melhor página de jogo. A defesa do Elvas jogou com muita atenção e o ataque soube perfurar o bloco inimigo.

Elvas — Semedo, Neves, Oliveira, Henrique, Rebelo, Toninho, Morais, Massano, Patalino, Alexio e Rosário.

Belenenses — Capela, Figueiredo, Feliciano, Amaro, Sérgio, Serafim, Mário Coelho, Armando, Teixeira da Silva, Palma Soeiro e Rafael.

Árbitro — José Pires, de Setúbal.

teve excelente acção na primeira partida, com realce para Buzaglio que, com a sua excelente parede aos *males* de Costa Pereira, praticamente anulou o mais forte rematador «encarnado».

Na próxima terça-feira, no ginásio do I. S. Técnico, onde se pode com muito maior segurança do que ao ar livre praticar voleibol, os sportinguistas defrontam os «engenheiros» em encontros que são, nas três categorias, verdadeiras finais, com a reserva evidente do papel que compete desempenhar à forte formação dos acelistas na categoria principal. Espectáculo aliciante, que deve chamar grande afluência de espectadores, pois o voleibol detém já grande popularidade, crescente de dia para dia.

A sua primeira consagração será o encontro entre as selecções de Lisboa e de Paris, anunciado para Outubro próximo, incluído no programa das Festas da Cidade.

O seleccionador Mário Lemos deu principio à preparação da equipa, que requer cuidados especiais em razão da diferença entre o sistema de jogar francês e o nosso. O uso, corrente em França, da parede ao remate com três jogadores é completamente desconhecido em Portugal e as nossas leis não permitem, como as gaullesas, que um dos elementos da linha de fundo venha à frente colaborar com o trio avançado.

Seria conveniente que a nossa Federação se entendesse antecipadamente com a sua congénere francesa sobre o critério de arbitragem a aplicar no encontro. Isto para evitar mal-entendidos e reclamações.

Salazar Carreira

A final da «Taça»

LONDRES, Abril de 1947 — Especial para «Stadium» — por FERNANDO MENDES

Os londrinos gostam dos desportos «fortes». Embora o futebol seja o jogo que mais interessa, como pode ver-se pelo facto de assistirem sempre milhares de pessoas, gostam os ingleses extraordinariamente do «ragby» e do «box». Os encontros de «ragby», então, chamam aos campos repletos consideráveis multidões.

Desaltes entre Inglaterra-Escócia, Escócia-País de Gales, ou País de Gales-Inglaterra são movimentadíssimos. E tudo se passa como no futebol. Os ingleses vestem os trajes tão seus conhecidos dos campos de futebol. Vibram estrondosamente, assobiando, cantando — o diabo! Quanto ao «box»...

Há uma semana realizou-se em Londres um grande encontro entre o americano Bksi e Woodstock. Não confiavam muito os londrinos no seu representantes, mas sempre compareceram no recinto perto de 20.000 pessoas. Porque mais não cabiam!

O americano, entretanto, logo nos primeiros assaltos, tirou ao adversário e ao público todas as esperanças de vitória.

Nem por isso, entretanto, deixaram de expandir o seu entusiasmo habitual. Quando o campeão inglês deixou de corresponder, tiveram atitudes que agradaram ao americano.

A Irlanda irão ingleses ver jogar Portugal

A Inglaterra traz sempre em dia os seus assuntos de futebol. Como traz em dia tudo quanto se relacione com todas as modalidades desportivas.

Assim, na Irlanda estarão alguns técnicos para ver jogar Portugal. Os responsáveis pela boa evolução do futebol inglês reconhecem que «homem avisado vale por dois...»

Logo, preparem-se os nossos seleccionados para ser vistos por observadores britânicos. E agora se diz: é preciso jogar bastante, em Dublin. Os melhores irlandeses estão dispostos a vencer os portugueses, e os «folhas de trevo», perante o seu público e nam campo que conhecem excelentemente, não são adversários fáceis.

A Irlanda tem contacto constante com o futebol inglês, escocês e do País de Gales. Os seus jogadores misturam-se constantemente. Irlandeses vários defendem clubes britânicos. O grande futebol, portanto, não é segredo para a Irlanda.

Veremos o que se passa, no próximo domingo, em Dublin. A Espanha perdeu lá pela tangente, é certo, mas não se pense muito nisso... É perigoso fazer fé por um resultado, e até pelo que se tenha visto aos irlandeses no Estádio Nacional.

Como se disse em cima, alguns ingleses irão a Dublin. Claro que, embora a Inglaterra não pense perder no Estádio Nacional, não deixam os seus dirigentes de se deslocar para ver como actuam Peyroteo, Azevedo, Feliciano, Araújo, Rogério e todos os rapazes indicados por Tavares da Silva.

E lá têm as suas razões. É preciso, isso é verdade, «ver» sempre como se joga no campo vizinho. Portugal pode não ser muito perigoso, mas o diabo tece-as. Assim pensam os mestres do futebol.

O Charlton suou para ganhar a «Taça»

Este ano, como já dissemos em um número anterior, não assistiu Sua Majestade o Rei da Inglaterra, como é tradicional, ao jogo final da «Taça». Mas esteve presente Mister Atlee, Primeiro Ministro da Grã-Bretanha. Deram-se as cerimónias habituais. E lá estiveram cerca de 100 mil pessoas no Estádio do Wembley. Há muito tempo que não havia bilhetes, a despeito da final não ter extraordinário ambiente desportivo.

Aconteceu mais uma vez estar presente um grupo da 2.^a Divisão: — o Barnley. Esta equipa surpreende inequivocamente, na sua viagem até à final da «Taça», e ainda mais pela maneira como tornou a vida dura ao Charlton, que os desportistas portugueses já conhecem desde o ano passado.

Os ingleses vibraram. O espectáculo durou mais da hora e meia regulamentar. Houve prolongamento, jogando-se 120 minutos para se marcar um «goal».

As finais da «Taça de Inglaterra» são uma coisa muito séria...

Abreu Torres

Fernando Mendes

NATAÇÃO

A vitória de Jeremias Simão

nos 500 metros da A. N. L.

Foi pena, realmente, que após uma semana de magnífica temperatura, a manhã de domingo último surgisse agreste e carrancuda, não convidando, de facto, à prática da natação, momentaneamente no rio.

Assim, não deixaram saudades estes 500 metros com que a A. N. L. inaugurou a sua actividade na presente temporada.

Dos trinta e um nadadores inscritos, apenas dezto compareceram à chamada, dos quais um desistiu.

O grande triunfador da jornada foi, sem dúvida, Jeremias da Ponte Simão, que venceu com autoridade absoluta, impressionando agradavelmente de principio a fim. Correu em «couplisse», dando a sensação visível de «vontade».

Terminou com nove segundos de vantagem sobre o segundo classificado, o seu companheiro de clube Vitor Lopes, mas deu-nos a impressão de não ter forçado o andamento.

«Tempos»: Jeremias, 8 m. 11,2 s.; Vitor Lopes, 8 m. 20 s.

Artur Malheiro da Silva, S. A. D., classificou-se a seguir, depois de ter comandado nas primeiras brachadas e de ter seguido em segundo posto durante boa parte do percurso. Fez uma prova interessante, dentro das suas características habituais. E será, por certo, um elemento que continuará a brilhar, tal como na época passada, nas provas de rio. Marca: 8 m. 27 s.

Depois classificaram-se mais dois nadadores da Costa do Sol: Alvaro Parracho (8 m. 33 s.) e Fernão de Ornelas Cisneiros (8 m. 40 s.), que asseguraram, assim, a vitória do Estoril-Praia por equipas.

Merecem elogiosa referência da critica a comparação tanto do Clube Nacional de Natação como do Clube Desportivo de Paço de Arcos, pelo interesse demonstrado por ambas as colectividades em trabalhar e progredir, ainda que, como se sabe, lutem com enormes dificuldades para conseguirem o seu objectivo.



Augusto Silva, o treinador da equipa nacional, estuda um golpe de jogo com Pacheco e Patallino. Numa sessão do treino, Peyroteo dispara um tiro.



Barrigana, em desequilíbrio, deixa passar a bola por alto, e Manuel Marques parece satisfeito...



Moreira vai passar, em bom estilo, correctamente, a bola. Bravo, ao lado, segue o lance



Dois companheiros de clube lutam um contra o outro: Peyroteo, da A, e Manecas, da B. A luta é um pouco amiga!



O seleccionador Tavares da Silva, dentro da cabine do Estádio Nacional, dá várias indicações aos jogadores. João de Brito e Augusto da Silva assistem... Os jogadores parecem impressionados!

"O TREINO DAS SELECÇÕES"

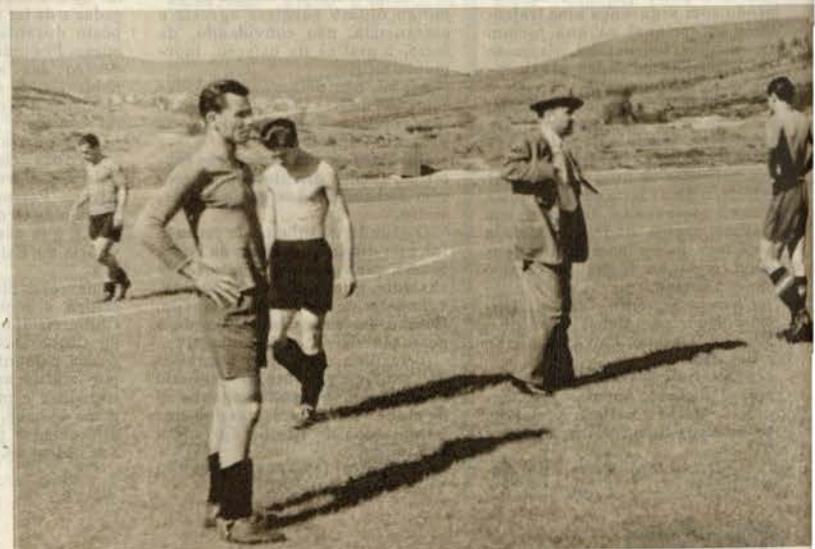
As selecções portuguesas que jogam no próximo sábado e domingo, respectivamente, em Bordeus e Dublin, começaram a treinar-se isoladamente, a primeira, de manhã, e a segunda, à tarde, no Estádio Nacional.

Na evolução dos treinos, sem que nada transpirasse, Tavares da Silva resolveu pôr, duas vezes seguidas, a equipa B em frente da A. Esclareça-se, no entanto, que, enquanto a B se apresentou completa, faltaram na A os interiores, os homens que mexem os cordelinhos do ataque...

Desta maneira, as sessões serviram mais e melhor a equipa de Bordeus do que a de Dublin. De resto, os rapazes novos, eram, evidentemente, os que mais precisavam de conjunto, pois a linha A já se encontrava devidamente ligada. Acentue-se os progressos do Grupo B, de sessão para sessão.

Os treinos com as duas equipas, das quais reproduzimos algumas imagens, tiveram momentos de bom jogo, e os elementos da B não pareceram muito surpreendidos com a classe do seu adversário...

Veremos os resultados de Bordeus e Dublin, e que a Sorte, indispensável no Jogo, acompanhe os dois teams nacionais.



O seleccionador nacional passeia pelo meio do campo, e dá uma ou outra indicação. Cardoso, Amaro, Catão e Feliciano devem ter ouvido qualquer coisa.



Rugby

A visita dos universitários espanhóis



ESPERADO com natural interesse por todos os afeiçoados ao jogo da bola oval, o encontro entre os jogadores do Sindicato dos Estudantes Universitários de Madrid e a equipa do Sport Lisboa e Benfica defrontou um tanto a expectativa porque o atraso na chegada dos nossos visitantes obrigou a reduzir de meia hora o tempo normal de jogo. Ora esta meia hora podia modificar completamente o aspecto do jogo.

A vitória alcançada pelos madeirenses, pela diferença mínima de um ponto, aceita-se perfeitamente como justa expressão da verdade: não porque se nos afigure muito segura a sua superioridade técnica de jogo, mas pelo seu maior dinamismo e velocidade na sequência das acções.

Os jogadores portugueses não perderam ainda o defeito de esperar, parados, que a bola venha às suas mãos. Na saída das formações, por exemplo, o médio de abertura espera, a pé firme, a passagem do companheiro da frente, e os tres-quartos só entram em movimento após o início de acção do médio de abertura. Daqui provém apreciável perda de tempo favorável à organização da defesa adversária.

Também se verifica com frequência, por parte dos nossos rapazes, uma relutância condenável para ceder a bola a um companheiro; quando a têm em seu poder, perdem-se em voltas e vira voltas até serem agarrados de preferência a garantirem o prosseguimento de acção ofensiva por meio de passe oportuno antes de plaçagem e enquanto a barreira contrária oferece qualquer possibilidade de brecha aberta.

No grupo avançado benfiquista há muita disparidade de recursos, o que destroi a indispensável coordenação do bloco; há elementos que correm, e outros que só andam.

Neste aspecto, a formação espanhola mostrou sensível superioridade: maior velocidade, muito melhor preparação física.



A visita da equipa de «rugby» do Sindicato Universitário Espanhol despertou interesse. Três imagens do jogo: Em 1.º lugar, os dois grupos; depois, aspectos movimentados da partida

Comentarios

Ginástica, da melhor

Os saraus ginásticos possuem em Portugal fundas raízes de tradições e foram sempre, em quaisquer circunstâncias, festivos muito do agrado do nosso público.

Já há meio século, ou quase, quando as competições desportivas, incluindo os jogos de futebol, apenas atraíam escassas dezenas de espectadores, o Coliseu dos Recreios se enchia a transbordar quando o Real Ginásio ali celebrava os seus famosos saraus, que eram então as mais procuradas e rendosas festas de beneficência.

Os anos decorreram, o gosto do público evoluiu para outras preferências, mas o seu interesse pelos espectáculos de ginástica não sofreu desvio, como ainda recentemente se pôde verificar com o sarau organizado pelo Lisboa Ginásio Clube.

Nem um lugar ficou vago, no majestoso anfiteatro, e os milhares de pessoas que os ocupavam vibraram de entusiasmo pela pericia dos artistas — que o facto de serem amadores não impede que deva considerar-se arte o seu talento de execução — ou pela harmonia e desembaraço das classes apresentadas.

Numa festa assim, de tão elevado nível técnico, pois foi este um dos melhores saraus a que temos assistido desde longa data, é difícil e melindroso destacar qualquer número, porque em boa verdade quase todos mereceram ser destacados. No entanto, na memória gravaram-se algumas impressões mais fundas, as que mais depressa acodem ao pensamento quando tentamos uma visão retrospectiva.

Assim sucede com a exibição de exercícios a mãos livres dos discípulos de Robalo Gouveia, disciplinada e perfeita na maioria dos executantes, e a demonstração ginástica da classe de adolescentes do professor Kurt Johansson, cujos alunos demonstraram alarde de tamanho desembaraço, domínio físico, confiança e autoridade, que a todos fizeram parecer fáceis os difíceis exercícios do seu esquema da melhor ginástica educativa.

As festas da cidade

Foi há dias dado a conhecer ao público o programa desportivo incluído no período de festas comemorativas do oitavo centenário da conquista de Lisboa.

O conjunto impõe-se pela eclética vastidão e pela importância dos seus elementos, da maior projecção no campo internacional. Dois campeonatos mundiais, um congresso de verdadeira transcendência, competições internacionais em outras mais dez modalidades diversas formam

um agrupado excepcionalmente brilhante, como nunca se viu em Portugal, como poucas vezes se tem visto em qualquer país do Mundo.

Os espectadores desportistas vão ter muito onde dar largas ao seu entusiasmo e aos praticantes de alguns desportos até agora menos fornecidos oferece-se a oportunidade de afirmarem a sua classe em confronto com seleccionados estrangeiros.

A importância nacional deste vasto plano de realizações ultrapassa os horizontes da sua actualidade, para influir de maneira segura na evolução futura do progresso e da expansão desportivos em Portugal.

Quantos novos adeptos, que preciosos ensinamentos se hão-de conquistar durante os meses festivos de 1947!

O estimulante internacional vai exercer a sua melhor influência; a ocasião criou, para a maioria das modalidades menos abundadas, a oportunidade única de fazerem valer os seus direitos a uma experiência de maior amplitude, em busca de certificado comprovativo de classe para longos voos.

Esperemos que não surjam obstáculos de última hora, alguma inesperada complicação que obrigue a modificar os planos delineados; torna-se indispensável assegurar com suficiente

antecedência a presença dos adversários escolhidos além fronteiras, com a antecipação bastante para que, no caso improvável de qualquer surpresa inibitória, se possa ainda providenciar para a sua substituição.

Sem contar com as numerosas delegações presentes nos torneios de oquei patinado e de esgrima, cujo carácter é mundial, os portugueses de frontarão, em encontros directos, espanhóis, franceses e belgas. Festas em terra, festas na água. E' bem a apoteose compensadora dos anos de trabalho judicioso e de orientação criteriosa e de acção disciplinadora dos nossos organismos dirigentes.

Federação Internacional de Voleibol

Jogo de criação relativamente moderna e de muito mais recente expansão internacional, o voleibol enfileira desde o dia 20 de Abril a par dos jogos desportivos consagrados, cuja divulgação justificou a necessidade de existência de uma federação das federações nacionais espalhadas pelo universo.

A Federação Internacional de Voleibol, fundada em Paris ao cabo dos trabalhos do congresso reunido nessa cidade com a presença de delegados de 14 nações, passa a ser o primeiro organismo de tão alta categoria onde Portugal ocupa um lugar de vice-presidente no Conselho Director,

além de outro posto na Comissão Técnica de Regras. Prestou-se, assim, justa homenagem ao interesse que as instituições oficiais no nosso país consagraram à prática do jogo como agente educativo e de preparação desportiva, sobretudo nas fileiras da Organização Mocidade Portuguesa, de onde irradiam anualmente milhares e milhares de novos praticantes.

Pela força das circunstâncias, limitada a nossa actividade em exclusivo a competições de carácter interno, ignorámos, apesar de tão volúmosa expansão, a categoria do nosso jogo em plano internacional; os delegados portugueses ao congresso de Paris puderam assistir ao encontro entre as seleções representativas da França e da Itália, recolhendo aí preciosos elementos de juízo que, pelas suas declarações, foram francamente favoráveis. Em Portugal joga-se bom voleibol; voleibol que poderá de frontear sem desprimor muitos adversários estrangeiros.

Aguarda-se, por tal motivo, com justificada e ansiosa expectativa, o anunciado encontro entre as seleções de Lisboa e Paris, que será a pedra de toque da classe das nossas equipas representativas.

Teremos no voleibol um segundo oquei patinado? Seja como for, eis uma modalidade digna de todo o apoio e que singra em caminho triunfante na hora em que encontrou dirigentes capazes e dedicados à sua propaganda, competentes para tirarem o devido proveito do já demonstrado interesse da entidade superior do nosso desporto.

HIPISMO

JOAQUIM LEOTE e MILHO FERRO

vencedores das "poules" da S. H. P.

capitão Joaquim Leote, e «Gomil», com o tenente Coelho da Silva, que se creditaram nos lugares imediatos.

Quanto à segunda prova, deve destacar-se de novo a vitória do capitão Joaquim Leote no «Orique», que, com a sua habitual correcção, repetia a proeza do domingo anterior. Não «limpou» apenas por uma recusa, mas ganhou merecidamente e bem. «Tarass», com Ferreira Coelho, «Don», com José Granate, «Quer hoje», com Milho Ferro, e «Cinétilo», com Coelho da Silva, só com

4 pontos, obtiveram os restantes prémios, mas há que destacar ainda o magnífico percurso de «Zaari», que por manifesta inteligência derrabou o «oxer», provocando a queda de José Carvalho. Se não fora este percalço, não nos surpreendia a sua vitória.

E agora — Mafra com todos os seus atractivos.

A. T.

Concurso Hípico de Mafra

Organizado pelo Depósito de Remonta realiza-se em 3, 4, 10 e 11 de Maio o VIII Concurso Hípico de Mafra, em benefício da Assistência Local, e que reúne um montante de 35.350\$00 de prémios pecuniários, sete taças e 95 laços.

No dia 3 realizam-se as provas «Sargentos» e «Omnium», esta dividida em duas séries; no dia 4 disputar-se-ão a «Nacional» e uma prova denominada «Estrangeiros»; em 10 terá lugar o «Grande Prémio» e em 11 a «Despedida», a «Caça» e a «Taça de Honra». As provas de Mafra revestem-se de particular interesse.

Almanaque dos Desportos

vai para o prelo esta grandiosa obra

A despeito da nossa promessa, não pôde apresentar-se em público, pela Páscoa, esta grandiosa obra ilustrada. O «Almanaque dos Desportos» revolucionará o meio desportivo português, e como o número de inscrições excedeu o que se presumia, foi necessário retardar a sua saída.

Vai, entretanto, para o prelo, dentro de dias. E quem não se inscreveu, até à data, corre o risco de ficar sem esta obra admirável. Também os desportistas que, por qualquer motivo, desejarem ficar excluídos da lista elaborada, devem transmiti-lo quanto antes.

Deve dizer-se, ainda, que o «Almanaque dos Desportos» é de concepção difícil e demorada. Não é uma obra vulgar nem pode, por certo, ser confundida com outra publicação.

Não é de hoje nem de ontem, mas de todos os tempos. O jogador português de futebol, dado o seu temperamento emocional, inferioriza-se no estrangeiro — e o seu valor ofusca-se baixa muito ou desaparece de todo...

Quem escreve estas linhas viu, por exemplo, um jogador que se toma hoje como modelo, há muitos anos, no estrangeiro, actuar desastrosamente, dando a impressão que não sabia parar uma bola, ou fazer um passe. Ele, que, na verdade, era um dominador do esférico, e um artista igualmente na arte da passagem.

Trela-se de uma inferioridade com que há e contar, e que só desaparecerá, em certa medida, com o calo e o hábito das lutas internacionais, quando o nosso jogador se encantar um pouco mais a frio. Como se se trelasse de uma partida de campeonato interno...

O remédio para o mal é intensificar as relações internacionais, deixando, mesmo, que as equipas de clube se batam dentro e fora do país. Até não se atingir o ponto culminante, devemos sofrer a já tão conhecida inferioridade. Custa ter paciência, reconhecemo-lo. Mas assim é preciso.

CORRE QUE...

Pela dificuldade de se deslocarem a Bordéus os membros da Federação, chegou a ventar-se a hipótese de acompanharem a equipa o presidente de Lisboa e do Porto, respectivamente, os srs. Paiva e Silva e Alberto Brito.

♦♦ O sr. Manuel Manuel, da Comissão Central de Árbitros, encontra-se demissionário. Entre várias causas avulta a de desinteligências entre ele e o presidente da mesma Comissão, sr. dr. Virgílio Paula.

♦♦ Tanto para Bordéus como para a Irlanda seguem, com os «teams» nacionais, alguns produtos para completarem a alimentação dos jogadores.

♦♦ Os jogadores preferem o estágio na Venda do Pinheiro aos dos hotéis. Evidentemente, é preciso que faça bom tempo, como agora.

♦♦ Não foi possível fazer com que os jogadores Travassos e Vasques se juntassem aos outros «internacionais» na Venda do Pinheiro. O serviço militar não o permitiu e as instâncias oficiais não conseguiram a respectiva licença.

♦♦ A harmonia na Comissão Central de Árbitros não parece perfeita. Por outras palavras — está longe do sê-lo...

No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

Dublin e Bordéus no próximo domingo

A selecção nacional, equipa A., parte amanhã, cedo, para Dublin. Os jogadores viajam, repartidos em dois grupos, em aviões da carreira. Fazem uma paragem, amanhã, em Londres, para, no dia seguinte, tomarem novamente o avião para Dublin, onde estarão, portanto, a 2 de Maio. Quer dizer, entre a chegada e a realização do encontro têm um dia e meio de repouso.

Com a equipa seguem os directores da Federação, srs. eng. Mescorenhas de Meneses e dr. António de Melo, o seleccionador Tavares de Silva e o maçagista Manuel Marques. Deslocam-se 16 jogadores:

Guarda-redes — Azevedo e Capelo; Defesas — Cardoso, Feliciano e Guilhar. Médios — Amaro, Moreira, Francisco Ferreira e Sarafim. Avançados — Jesus Correia, Araújo, Vasques, Peyroteo, Travassos, Rogério e Bentes.

O seleccionador, já o sabemos, só costuma indicar a linha definitiva na véspera dos encontros. Mas tudo leva a crer que o team será o mesmo que se apresentou em Paris, talvez com uma leve alteração na linha média... Lá por ter fechado uma vez, não se segue que a linha avançada não seja capaz de bom rendimento — pensaré por certo Tavares de Silva.

A equipa nacional B seguiu para Bordéus, na passada 2.ª feira, de comboio, devendo chegar ao seu destino esta noite. Acompanham a selecção os srs. dr. Mário de Oliveira, presidente do Congresso da Federação, João de Brito, na qualidade de auxiliar do seleccionador, o treinador Augusto Silva, o médico Santos Correia e o maçagista Angelino Fontes. 16 jogadores:

Guarda-redes — Barrigana e Baptista. Defesas — Manuel Marques, Barroso e Castro. Médios — Jacinto, Canário, Pacheco e Alberto. Avançados — Lourenço (Porto), Bravo, Patalino, Júlio, Cejedo, Albano e Celolino.

A equipa B sofreu uma grave lesão com a falta de Vasco, do Belenense, que, por doença grave, não pôde seguir viagem. Vasco não estará em Bordéus, e a defesa ressenir-se-á imenso.

No papel, e pela prova dos treinos, a formação avançada parece capaz de desempenhar um bom papel, mas quer-nos parecer que, em última análise, tudo depende do conjunto. A defesa infal no ataque, como este naquele...

Enfim, o futebol português segue confiadamente o seu rumo, e apresenta-se pelo primeiro vez, no estrangeiro, em dois sítios diferentes. Prova arriscada, mas tentadores!

CONTA-GOTAS

Temos reparado que os treinos últimos incidiram presentemente sobre a equipa B, e levamos isso à conta de se julgar que a 1.ª Selecção já tem, pelo menos, conjunto e uma relativa harmonia. Dat — quem sabe? — talvez não seja isso...

Na verdade, entre o primeiro e o último treino, a Selecção B parecia outra. É possível que o seu futebol ainda não chegue para Bordéus, mas isso é outro caso. O esforço fica!

Já a Selecção A tem treinado deficientemente, e tal deve-se à falta repetida dos interiores Araújo e Travassos, e ainda de Bentes. Qualquer destes jogadores, por razões diferentes, não participaram do estágio, nem sequer comparecendo às últimas sessões de conjunto. Como se pode treinar desta forma? Todos bramam, no entanto...

O estágio na Venda do Pinheiro fez bem a todos os jogadores, de um modo geral. Em poucos dias, alguns rapazes melhoraram muito, substituindo o aspecto de cansaço por uma cor sã. Patalino, de Elvas, e Baptista, de Setúbal, por exemplo, são magníficos exemplos ilustradores do estágio na Venda do Pinheiro, sob o comando do brigadeiro Nogueira.

Canário foi escolhido para capitão da Selecção B. O rapaz, parece-nos, merece inteiramente a distinção. Trata-se de um jogador exemplarmente correcto no terreno da luta, que se dedica ao jogo sem outras ideias que não sejam as de jogar, e que se entrega à competição do princípio ao fim com o mesmo brio e tenacidade. Talvez um bom capitão.

A Federação Portuguesa de Futebol resolveu conceder as mesmas regalias, quanto a prémios e deslocações, a todos os jogadores quer da A quer da B. Não sabemos a quanto sobre o prémio, mas temos conhecimento de que os jogadores receberão, logo que em viagem,

Há resposta para tudo...

P. 459 — O Benfica foi agora buscar os seus antigos jogadores. Fez muito bem. Ou não fez? (De um águia, de Trancoso).

R. 459 — Os resultados é que o dizem. Esses são francamente animadores. O resto — paisagem!

P. 460 — Não daria bom resultado empregar no jogo contra a Inglaterra a tática dos 4 avançados em linha utilizada o ano findo pelo Sporting? Não desorganizaria isto, um pouco, a defesa inglesa? (Um estudante de Leiria).

R. 460 — As táticas escolhem-se conforme os jogadores. Talvez os ingleses também tragam a tática dos 4 em linha. Quem sabe!

P. 461 — Qual será o melhor extremo português actualmente: Rogério ou Bentes? (Um leão imparcial de Mesão Frio).

R. 461 — Rogério podia ser o melhor de todos. Parece não querer...

P. 462 — Tenho a certeza que já ninguém tira o campeonato ao Sporting! Não concorda comigo? (Um leão, da Covilhã).

R. 462 — Se V. tem a certeza, não vale a pena saber a nossa opinião, mesmo que esta seja igual à sua...

P. 463 — Qual é o melhor: Pardal, da Sanjoanense; ou Morais, do Elvas? (Um lajeado de S. João da Madeira).

R. 463 — Talvez Pardal. Mas não fazemos uma ideia suficientemente nítida desses jogadores.

P. 464 — Quando Portugal jogou contra a Espanha, no Estádio Nacional, e empatou por 2-2, quem jogou a defesa-esquerda: Manuel Marques ou Feliciano? (De «António Bonifácio» um desportista sanjoanense).

R. 464 — Manuel Marques.

cem escudos diários de subvenção para os seus gastos pessoais. Medida justa!

A iniciativa de trazer a Portugal no próximo domingo o campeão belga, o Charleroi, para jogar contra um misto de Lisboa, foi posta de lado. Eis uma decisão de bom senso. No ponto de vista económico, o desafio não devia interessar; nem tão pouco no aspecto desportivo. Lisboa foi descascada dos seus melhores valores. O seu miolo estava mesmo mirradinho de todo!



BENFICA, 13 - Sanjoanense, 1
Vitória (S.), 2 - ATLÉTICO, 3
ESTORIL, 6 - Olhanense, 1



Arrojada defesa de Correia, para evitar um bom remate de Cardoso Pereira. Baptista observa o seu trabalho



Correia prepara-se para defender uma bola apontada por Cardoso Pereira. Não há perigo



Entre José Lopes e Baptista, remata um setubalense com decisão. A bola acabará por ser defendida



Provas de Ciclismo

Disputaram-se no domingo várias provas velocipédicas. A' esquerda, Maximilano Rola, após a prova de 160 quilómetros, que veio a ganhar, descansa merecidamente dentro de uma camioneta. A' direita, Duarte Patrício, do C. A. C. O., que triunfou em juniores. Em cima, sobre o centro, os ciclo-turistas do Benfica, antes de um passeio demonstrativo da sua actividade. Em baixo, a partida dos concorrentes ao campeonato nacional corporativo.



ESTORIL-OLHANENSE — Os estorilistas obtiveram um bom triunfo no seu campo, sobre os campeões algarvios. Pode ver-se, nas fases que publicamos: uma defesa do guarda-redes algarvio, ao alto. No meio, outra atitude do mesmo jogador. No fundo, uma defesa visitante em acção.

BENFICA-SANJOANENSE — Este desafio concluiu-se com boa vitória dos encarnados lisboetas: 13.1. Algumas imagens do jogo: em cima, boa defesa de Barbosa, aos pés de Júlio, avançado benfiquense. A seguir, o mesmo Barbosa, saindo em falso a uma bola alta. Em baixo, Júlio ficou com uma bola ao seu alcance. O guarda-rede sanjoanense havia perdido o esférico

NOTA DA SEMANA

O Comitê de Competição da Federação Espanhola de Futebol acaba de lançar sobre dois clubes filiais — Albacete e Cultural Leonesa — uma bomba atômica que rebentou fajsando e fuzilando chispas de escândalo.

Trata-se da expulsão definitiva de ambas as colectividades, irradiadas para sempre da orgânica futebolística, facto sem precedentes conhecidos na história do jogo da bola internacional.

Depois de um estudo completo, consciencioso e meditado das informações recolhidas, o referido Comitê convenceu-se plenamente de que, no desafio celebrado a 30 de Março último, entre Leonesa e Albacete, houve a mais impudica das batotas, a troca de determinada quantia não especificada.

Trata-se de dois agrupamentos inscritos na 3.ª Divisão da Liga e, por conseguinte, o prestígio da comunidade desportiva sofre menor abalo do que se fossem colectividades proeminentes em causa.

Mesmo assim, o incidente merece comentários. Primeiro, aplauso à Federação pela inflexibilidade da sua justiça, que muitos supuseram debilitada; segundo, sublinhar a circunstância de todos os desportos, colectivos ou individuais, estarem em situação de burlar o espectador.

Até aqui, era a luta greco-romana e o boxe que usavam de reputação infamante; agora a burla tende a generalizar-se.

O mais curioso de tudo quanto houve, neste caso de Albacete e Leonesa, foi a sem-cerimónia e o deslante. No primeiro tempo, os locais dominaram amplamente, por 3 a zero, os albacetinos. Após o intervalo, o panorama transformou-se por completo. O guarda-redes abandonou o terreno, pretextando uma lesão, e o médio-centro fez outro tanto.

O keeper substituído pôs-se a fumar com fidalga insolência, enquanto as bolas penetravam em série pelas balizas, até perfazer 5-3 no marcador.

O público leonense viu o triunfo dos visitantes com enorme ira e a imprensa e a rádio denunciaram o chiqué aos quatro ventos.

Quedamo-nos a pensar mentalmente no que sucederia em Portugal se facto semelhante se produzisse.

As conclusões, porém, ficam no tinteiro, não venha contra nós um mandato de captura.

R. B.

TÊNIS RUGBY

O Torneio de Monte-Carlo

Este importante campeonato primaveril, de reputação assinalada, acaba de realizar-se e produziu a maior surpresa do ano: Paulina Betz, justamente tida como jogadora número 1 do ténis internacional, sucumbiu nas meias-finais do torneio.

A alegria e o mérito deste triunfo coube à sr.ª Magda Rurak, romena, que eliminou Miss Betz por 4/6, 8/6 e 6/4, na meia-final, e triunfou na final, derrotando a jogadora inglesa Mrs. Jean Bostok por 6/3, 6/8 e 6/2.

A Sr.ª Rurak já esteve em Portugal, há cerca de três anos, competindo nos Campeonatos do Estoril.

Na competição masculina, o vencedor foi Lennart Bergelin, sueco, ganhando ao americano Budge Patty por 6/3, 6/8, 1/6 e 8/6.

Na meia-final o primeiro nomeado derrotou Robert Falkenburg, americano, por 9/7, 6/3, 3/6, 0/6 e 6/2, enquanto que Patty eli-

Gales 17-França 15

Este desafio, a contar para o campeonato das Cinco Nações, terminou com a derrota dos franceses por falta de ponta final. A princípio os galenses dominaram, chegando a 15-2, apesar de terem alinhado com cinco substitutos. Na segunda parte, os continentais reagiram, fazendo 13 pontos em vinte minutos, mas não puderam obstar à derrota.

Inglaterra 6-França 3

Foi uma amarga decepção para os franceses a derrota que sofreram no terreno de Twickenham, por 6 a 3, aplicada pelo «quinze» dos ingleses. Durante o primeiro tempo os vencedores só marcaram um ensaio (3 pontos) e no segundo cada país fez outro tanto.

minou o campeão húngaro Ferenc Asboth por 3/6, 7/5, 7/5 e 6/1.

O Torneio reuniu óptimos competidores, sobretudo italianos, suíços, checos, franceses e belgas.

FUTEBOL

EM INGLATERRA

Quando estas linhas vierem a lume já se saberá qual foi o vencedor da famosa Taça de Inglaterra, se Charlton, finalista do ano findo, se Burnley. O jogo disputa-se no clássico estádio de Wembley e os provincianos saíram na manhã de sexta-feira, instalando-se num hotel dos arredores, onde aguardam a hora do match.

Em nossa opinião Burnley deve vencer e sem dificuldade, mas tudo é possível.

No sábado anterior, os resultados verificados nos jogos do campeonato divisionário da Liga foram os seguintes:

Charlton empatou com Arsenal (2-2), outro tanto sucedendo ao Aston Villa com Leeds United (1-1) e a Preston North End com Portsmouth (1-1). A vitória mais expressiva foi a de Manchester United sobre Blackburn Rovers, (4-0) mas o condutor da 1.ª Divisão, Wolverhampton, batendo fora de casa o Bolton Wanderers (3-0), fez a proeza mais saliente.

Na 2.ª Divisão da Liga, Manchester City bateu por 2 a zero o Barnsley, enquanto que o Burnley — finalista da Taça — sofreu a primeira derrota depois de 38 vitórias consecutivas. Foi o Bradford, clube da cauda, o felizardo, mas deve atender-se à circunstância do vencido estar preparando coisa mais séria para o sábado findo.

Na 1.ª Divisão já se pode inferir o clube vencedor: o Wolves, Manchester United ou Stoke City, com Blackpool à ilharga.

Até aqui o Wolves (36 jogos e 50 pontos) leva vantagem, mas o Manchester (37 jogos e 49 pontos) ou Stoke City (37 e 48) estão aptos a passar-lhe adiante logo que desfaleça.

Na 2.ª Divisão, o Manchester United, com 5 pontos de vantagem sobre o Burnley, parece

em excelente posição e um dos dois sairá primeiro classificado.

Nas restantes, é certa a vitória do Doncaster (3.ª Divisão — zona Norte) e a do Cardiff (zona Sul), que subirão de divisão.

NA ARGENTINA

O campeonato argentino de futebol, iniciado no dia 20 do corrente mês, produziu três surpresas de vulto. Primeiro, a derrota do clube Boca Juniores pelo Banfield (1-0), em seguida o empate consentido pelo San Lorenzo de Almagro em frente do Vélez Sarsfield (1-1) e por fim a derrota do Tigre propinqua pelos Estudiantes (4-2).

O River Plate vai à cabeça, seguido do Huracán Independiente e Estudiantes, todos com 4 pontos.

Em 7.º, empatado com Boca Juniores e Newell's Old Boys, segue o conhecido San Lorenzo de Almagro.

ATLETISMO

A maratona de Boston

Sabe-se que o arroz é um alimento precioso, fundamental para certas raças orientais, sobretudo chineses e japoneses. Pois chegou a oportunidade de pôr à prova, mais outra vez, as virtudes do arroz durante a célebre corrida da Maratona da cidade americana de Boston — corrida que acaba de efectuar-se com a vitória de Yun Bok Su, coreano secc como um bacalhau.

O favorito Johnny Kelly, vencedor por duas vezes e sete vezes segundo classificado, foi desbancado pelos chineses, expressamente vindos da Coreia. O tempo gasto por Bok Su, no percurso dos 42 quilómetros, foi de 2 horas, 25 minutos e 39 segundos, que é o novo recorde da prova.



Quando os pugilistas amadores sobem ao «ring» é de esperar que se batam a fundo. Esta fotografia, impressionada durante os campeonatos amadores dos Estados Unidos, revela o entusiasmo dos contendores e o susto do jornalista, que, segurando a luva do havaiano Richard Kikuyami, impede a queda completa do seu adversário, Eddie Marrata, vitorioso por pontos, apesar de tombado

Os visitados ganharam...

Os jogos do último domingo, para este campeonato nacional da 2.ª Divisão, entre bracarense e algarvios, e montijenses e oliveirenses, tinham ambiente. Na primeira jornada da prova, o Oliveirense havia ganho ao clube minhoto. Em Vila Real de Santo António, trianlaram os locais. Isto é: — os visitantes perderam.

No último domingo, verificaram-se os seguintes resultados: Sporting de Braga-Lusitano de Vila Real, 2-0; Unidos de Montijo-Oliveirense, 5-2.

Tal como no jogo do Minho, os visitantes estiveram no domingo em mãos lençóis...

No jogo de Braga, a vitória do antigo campeão do Minho é apreciável, embora pouco expressiva. O Lusitano de Vila Real pretende classificar-se bem neste campeonato, como de resto todos os outros colegas de competição, e por isso deve ter jogado com todo o entusiasmo, a fim de evitar derrota pesada.

A equipa da capital do Minho, habitualmente dirigida por Alberto Augusto, é difícil de bater na sua terra. E fora de casa, como demonstrou contra uma

equipa já conhecedora, o Oliveirense, na 1.ª jornada, também está disposta a lutar...

De qualquer dos modos, o Lusitano perde 2 pontos na cidade dos arcebispos. E o torneio continuará. Por enquanto sem uma indicação definitiva quanto ao possível vencedor.

O Unidos do Montijo perde na primeira jornada, no Algarve, mas não se entregou ao seu adversário. Os grupos da A. F. Setúbal têm criado muitos jogadores de boa classe. Borrignana, por exemplo — é de Montijo.

No domingo, os montijenses receberam a visita do segundo classificado de Aveiro. Bom adversário para os representantes de Setúbal no campeonato da 2.ª Divisão.

Os visitados obtiveram, porém, uma vitória ampla: 5-2. A equipa de Oliveira de Azeméis não foi nada feliz nesta viagem, e o próprio árbitro prejudicou-os algumas vezes. No entanto, os montijenses ganharam graças à sua melhor exibição. Chegaram os vencedores a 4-0 e só depois disso conseguiram melhorar os oliveirenses.

ANDEBOL

Os problemas da actualidade

Actualidade actual do andebol lisboeta resume-se ao torneio de equipas juniores, que reanúa este ano seis concorrentes.

Os rapazes do Oriental, com três vitórias em outros tantos jogos, seguem valorosamente à cabeça do pelotão, seguidos pelo Sporting, a quem já derrotaram, e, com um ponto menos do que os jovens «leões», pelo Belenenses (que empatou os seus três encontros) e pelo Benfica, campeão da época passada. Glória e Almada fecham a lista de classificações.

Se os jogadores «mais crescidos» terminarem a sua tarefa oficial, estão em atraso nas finais, que seria acertado liquidar durante este intervalo: a do torneio do Oriental, entre o Sporting e «Os Treze», a da Taça Viriato Soares, entre a reserva do Sporting e o Internacional. Fica o alvitre, para a Associação fazer dele o que melhor lhe pareça.

São, contudo, outros os problemas que na hora presente mais interessam ao andebol da capital.

O primeiro é o campeonato federativo, para o qual estão apurados o Belenenses, o Sporting e o Desportivo Caf. Não

houve ainda acordo sobre o fórmula de competição a adoptar, pois parece que a maioria dos clubes das duas regiões concorrentes pretende redair no máximo as deslocações, dispendiosas e mal compensadas pelas receitas.

Ainda não ficou assente em definitivo o novo regulamento, mas prevemos uma repetição de torneios regionais com encontro decisivo entre um representante de cada Associação, o que representa nitido retrocesso em confronto com os campeonatos dos anos precedentes.

A modalidade, parece-nos, atravessa um período de crise evidente.

O segundo problema é o do encontro internacional incluído no programa desportivo das Festas da Cidade. O adversário escolhido para a selecção lisboeta fora o grupo representativo de Barcelona, que já de há tempo manifestava o desejo de vir até nós; o prémio oferecia todas as garantias de êxito.

Parece, porém, que surgem dificuldades. Como é costume, quando se trata da visita dos desportistas nossos vizinhos. A última hora aparece quase sempre um empecilho.

José de Ega

Belenenses, Porto, Académica e Olhanense

apurados para meias-finais

Interessa bastante, evidentemente, o campeonato nacional de juniores. Estavam na prova as equipas do Belenenses, «Cuf» do Barreiro, Olhanense, Pax Julia de Beja, Académica de Coimbra, Lusitano de Videmoinhos, de Viseu, Futebol Clube do Porto e Sporting de Braga.

O torneio foi dividido em duas zonas — Norte e Sul, e todos os grupos jogaram fora de casa: no Seixal, em Évora, Aveiro e Viseu.

As equipas representantes dos diversos centros procuraram a vitória com afincio, e quase todos os vencidos tiveram comportamento meritório. Apenas o representante do futebol visense não pôde fazer bom resultado. Diga-se, entretanto, que a Associação Académica de Coimbra possui excelente categoria.

Eis os resultados: Belenenses, 3-«Cuf» do Barreiro, 0; Olhanense, 3-Pax Julia, 2; Académica, 9-Lusitano de Videmoinhos, 0; F. C. Porto, 2-Sporting de Braga, 1.

Teremos agora, para a zona Norte: Porto-Académica de Coimbra; para a zona Sul: Belenenses-Olhanense.

Segundo as informações colhidas sobre o valor das equipas concorrentes, inclinamo-nos para uma final Belenenses-Académica. Será assim? As vezes, pode acontecer surpresa maior. Um Olhanense-Porto, por exemplo.

Vamos para as meias finais do campeonato. Apenas 4 equipas, isso é verdade, podem aspirar neste momento ao título.

As equipas que jogaram no domingo:

Belenenses — Caetano, Oliveira e Correia; Portas, Castelo e Martins; Mota, Matos, Veríssimo, Aires Martins e Dinis.

«Cuf» do Barreiro — Libânio; Franklin e José Lopes; Armando, A. Luz e Félix; Humberto, João Lopes, Vasquez, Alegria e Valente.

O jogo efectuou-se no Seixal e Veríssimo (2) e Mota fizeram os tentos lisboetas. A. Martins desperdiçou ainda uma grande penalidade.

Olhanense — Ramires; Bernardino e Baptista; Cavaco, Catarino e Saías; José Maria, Gomes, Cabrita, Estrela e Veia.

Pax Julia — José Rosa, Monteiro e Passinhas; Arsénio, Palma e Samina 1.º; Samina 2.º, Alvaro, Flecha, Casimiro e Coroca.

Cabrita e José Maria obtiveram 2-0 na 1.ª parte para o Olhanense. Na segunda parte, o Pax Julia chegou ao empate: tentos de Samina 1.º e Flecha. O Olhanense marcou depois o ponto da vitória, por Cabrita.

Académica — Prates; Guimarães e Mesquita; Carvalheira, França Martins e Carvalho; Morgado, Santos, Portugal, Teixeira e Sousa.

Lusitano — Rolando; Alexandre e Matos; Rosalino, Carlos e Martins; Diogo, Pires, Luís, Patrício e Augusto.

Jogo em Aveiro.

Ao intervalo — 5-0 para os académicos, marcados por Portugal, Teixeira, Carvalheira, Morgado e Sousa; no segundo tempo marcaram Teixeira e Portugal (2 cada).

F. C. Porto — Rocha; Veiga e Paiva; Gira, Queirós e Néison; Ulisses, Araújo, Fecha, Albano e Manero.

S. C. Braga — Cesário; Casimiro e Campos; Teles, Fernando e Quincoces; Arnaldo, Cláudio, Pipa, Augusto e Tiago.

O desafio efectuou-se em Lamego, lugar demasiadamente afastado dos dois centros. Porquê? O Porto chegou a 2-0, por intermédio de Manero. Arnaldo, pelos bracarense, marcou o ponto de honra.

RUGBY

(Continuação da página 5)

No entanto, os estudantes do SEU deixaram-nos a impressão de pouco seguros na transmissão de Colo, tanto no passe como na recepção; os adiantados foram frequentíssimos e nem todos devidamente punidos.

Notámos ainda que empregam, em certas jogadas, processos à margem da lei e que eles consideram legítimos; nos ataques em bloco vivos, por exemplo, os companheiros do portador da bola protegerem-lhe a corrida fazendo obstrução às tentativas de intervenção contrária, no género do rugby americano, coisa que é contrária a todas as disposições de jogo. Também se admiraram porque o árbitro permitia que os defensores lizem parede contra o pontapé livre colocando, instalando-se logo além do ponto da falta; prova de escasso conhecimento das regras, agravada pelo facto de, quando por sua vez aproveitaram da mesma maneira, haverem saltado à bola, o que é proibido pela lei.

Muito agradável a correcção com que a partida foi disputada; como atenuantes, a fadiga da viagem em autocarro, concluída na própria hora do jogo, e o terreno duro, que deve ter sido para eles, espanhóis, um embaraço a aconselhar prudência.

O jogo de ontem, contra a equipa de Agronomia e ao qual não podemos referir-nos neste número, jogado sobre relva com a equipa descansada, deve ter dado mais perfeita ideia do seu exacto valor.

A seu tempo o comentaremos.

José de Ega

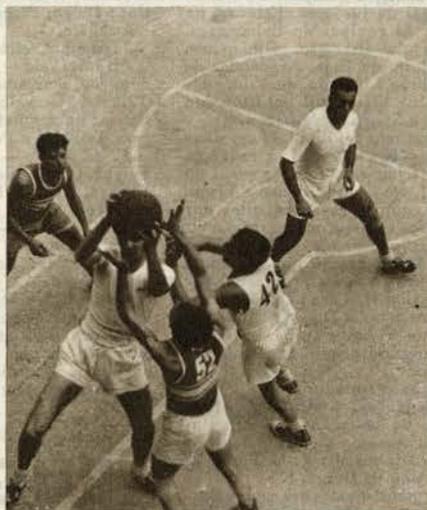


Proseguem os treinos dos seleccionados de basquetebol com esta aos próximos acontecimentos internacionais.

José Dias Pereira o seleccionador—reuniu já um lote de jogadores com que há-de formar o grupo nacional.

No último domingo, no campo do Maria Pia, efectuou-se mais um treino que procurou, especialmente, melhorar o conjunto.

Formaram-se duas equipas: brancas e azuis, constituídas por Manuel Campos, Julio Moraes, Homero, Luiz Alves e Carlos Fernandes; Cesar Car-



doso, Alves Pereira e Abílio Serafim.

O jogo entre as duas equipas deixou bem impressionados o seleccionador e os ars. Manuel de Oliveira presidente da F.P.B.B. e Cunha Martins.

Para o Campeonato nacional de basquetebol disputou-se também o jogo Belenenses-Olivais, de Coimbra, concluído com a vitória dos azuis. Vitória difícil, pois os conimbricenses souberam criar energias e diminuir a diferença de pontos que separavam os dois grupos no fim da primeira parte.



O PORTO ganhou fora de casa

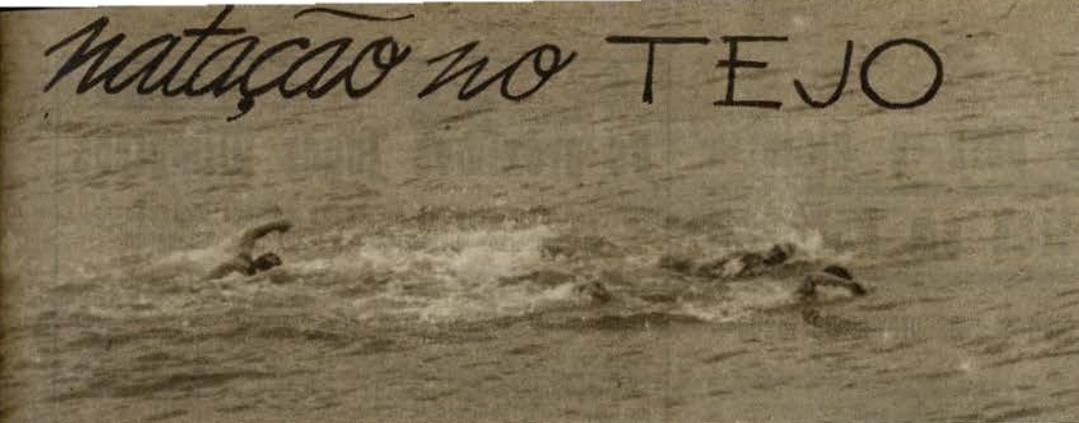


Machado defende com segurança uma bola alta. Boavida, sempre oportuno, procura dificultar o seu trabalho; à direita, Alfredo, metido entre dois adversários, desvia com muita oportunidade uma bola perigosa; a meio, Boavida aplica a cabeça e bate Machado com o 4.º tento; no fundo, Machado e José Maria, numa defesa apertada



A nova gerência da Federação Portuguesa de Basquetebol após a cerimónia da posse, a que assistiram várias individualidades

Natação no TEJO



Disputou-se a primeira prova de natação da época: — os 500 metros do Rio. GANHOU Jeremias Simão, cuja fotografia publicamos. O representante do Estoril Praia demonstrou todas as suas grandes qualidades. GANHOU, entretanto, bem apertado por Vitor Manuel Lopes, do Estoril, e Artur Malheiro da Silva, do Algés, como se vê pela fotografia da chegada

OS ESTUDANTES perturbaram o SPORTING



Jesus Correia que em Coimbra marcou os 3 pontos do seu clube, foge a dois adversários



Barrosa procura desfazer uma avançada de Bentes. Canário e Manuel Marques estão igualmente em movimento



A actividade da MOCIDADE PORTUGUESA

A "Mocidade Portuguesa" não esquece a preparação física dos seus filiados. Demonstra-o constantemente. Organizou agora os seus campeonatos de atletismo, com farta concorrência de praticantes. Apresentamos o grupo de inscritos e, em cima, uma exibição da classe de ginástica.



Jesus Correia, de novo em acção, foge a 3 adversários e prepara-se para rematar

Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

VII — Os 10.000 metros e as provas de fundo



A partida de uma corrida de fundo, em 1911, no antigo velódromo de Palhavã

(Continuação)

Seguiu-se então longo período de inacção na especialidade, pois só em 1922 se voltou a celebrar em pista uma corrida de 10 quilómetros, não se registando em Lisboa quaisquer provas de fundo em estrada.

Por esses tempos desperçou no Porto o gosto pela corrida pedestre, sendo as provas de fundo aquelas mais intensas e melódicamente praticadas, devido à persistente iniciativa de dois clubes: o Clube Sportivo Nun'Álvares e o Racing Clube, e à propagação insistente da imprensa desportiva.

Uma prova de 7.500 metros, no trejecto da Boavista à Foz, organizada pelo Racing em 1919, foi a iniciadora do primeiro período do desporto pedestre. A vitória pertenceu a Germano Garcez, Iransfuge do «Cl» para o Racing, em 26 m., seguido por Roberto Machado.

Esta corrida repetiu-se mais três vezes, nos anos imediatos, alcançando sucessivamente os primeiros lugares: António Augusto Ribeiro em 28 m., Jaime de Campos em 25 m. 40 s. e em 25 m. 25 s.

Antes ainda de fundada a Associação Portuense de Atletismo, se disputou no Porto, em Outubro de 1921, no Passeio Alegre, uma prova do mirímetro, ganha por Júlio Cunha, do Salgueiros.

No ano seguinte, 1922, a revista «Sporting» organizou pela primeira vez a Volta ao Porto, por estafetas, em percursos sucessivos de 2.500 metros, 3.000 metros, 5.000 metros, 7.500 metros e 10.000 metros. Os clubes do sul concorreram quase todos os anos a esta prova, sendo um deles sempre seu vencedor em todos os anos de presença.

No primeiro ano triunfaram os rapazes do Vendedores de Jornais (A. Ferrez, Domingos Jorge, Al-

fredo Cruz, Miguel Silva e F. Nunes), em 14.56 s., seguidos pela equipa do Salgueiros, e um minuto de distância.

Em 1923, o Sporting inscreveu a sua equipa (Abílio Nascimento, L. Laurent, Albano Marlins, Tomás Brandão e Cecilho Costa), batendo, em 1 h. 47 m. 35 s., o Vendedores de Jornais e 2 m. 49 s. e o Nun'Álvares, primeiro dos portuenses, a 1 m. 9,4 s. do segundo.

Em anos consecutivos passou a vencer o Vendedores de Jornais, único representante lisboeta, em 1 h. 49 m., em 1924; 1 h. 40 m. 55 s., em 1925 e 1 h. 45 m. 55 s. em 1926. O tempo recorde de 1925 foi conseguido por Domingos Jorge, José Maria Marques, João Marques Graça, António de Almeida e António Pinto.

Em 1927, deslocou-se sob as cores do Benfornoso A. C., um grupo de homens do Sporting (Amaro, Nascimento, Manuel José, Cecilho e Manuel Dias), o qual ganhou em melhor tempo 1 h. 43 m. 45 s., seguido a 9 m. 10 s. pelo F. C. do Porto.

Foi esta a última deslocação de lisboetas e a prova, em 1928, foi disputada apenas pelos clubes locais, vencendo o F. C. do Porto (Mendes Ribeiro, E. Anaura, J. Barroso, M. Silva e J. Lopes) em 1 h. 52 m., mas a corrida não voltou e ser organizada, perdendo-se uma das melhores manifestações de propagação do atletismo nacional, cuja digna sucessora veio a ser a corrida Cascais-Lisboa, em 1932.

O Sul, entretanto, acordara também da sua letargia e começaram surgindo diversas provas em estrada, primeiro organizadas por colectividades modestas, sem categoria oficial, pouco a pouco captando as simpatias dos corredores consagrados.

Alguns exemplos: em Setembro

Os próximos Jogos Olímpicos

e a necessidade da nossa participação em concursos internacionais a realizar no estrangeiro

A aproximação dos Jogos Olímpicos, a realizar em Londres em 1948, e a ideia, já manifestada, da participação dos cavaleiros portugueses no mais importante certame desportivo do Mundo, está merecendo os maiores cuidados dos dirigentes do nosso hipismo, que, conscientemente, estão trabalhando para que a representação nacional na próxima Olimpíada esteja em harmonia com o valor da cavalaria portuguesa, já tanta vez demonstrado além fronteiras.

De facto, os cavaleiros nacionais têm tremendas responsabilidades com que arcar, dada não só a posição de destaque em que Portugal se classificou nos Jogos de Paris, Amsterdão e Berlim, como as dificuldades enormes que a prova sempre apresenta. Há que preparar cavaleiros e montadas, há que conseguir um equilíbrio que só com muito trabalho se alcança, há que constituir uma selecção à altura das nossas tradições.

O trabalho dos seleccionadores está no entanto bastante simplificado. Nunca como agora o Governo português, por intermédio do Ministério da Guerra, dispensou tanta atenção ao nosso desporto hípico, rodeando-o de medidas tendentes ao seu desenvolvimento, como nunca se fizera no nosso país.

Nam curto prazo de dois anos foram adquiridos cerca de 50 cavalos irlandeses, alguns dos quais já deram magníficas provas da sua classe. Mandaram-se ao estrangeiro oficiais de cavalaria para aperfeiçoamento em Escolas de Equitação. Acabam de comprar-se mais de 100 anglo-árabes para futuras montadas de desporto e dispõe-se ainda de determinada verba para cavalos já com adiantado ensino, que não exijam longo período de instrução.

Tudo isto nos indica que o Ministério da Guerra está a acarinhar o hipismo português, tornando, com o seu precioso auxílio, mais fácil a missão daqueles que se propuseram praticá-lo e concedendo-lhes todos os meios para que o possam fazer condignamente.

Precisamente porque assim é, — e ninguém ousa sequer duvidar — é que julgamos oportuno um leve comentário que nos foi sugerido por uma notícia colhida há pouco tempo, acerca da nossa não participação em Concursos hípicos a realizar este ano no estrangeiro. Segundo julgamos, apenas se conta, pelo menos neste momento, com a ida dos nossos cavaleiros a Madrid.

Sendo como é, sempre útil, o contacto dos nossos representantes com fortes adversários e reconhecendo-se que os certames no estrangeiro lhes servem para aperfeiçoar conhecimentos e adquirir uma maior confiança em si próprios, verificando até que ponto se poderá contar com o valor das montadas, pareciam-nos de extraordinária utilidade que os cavaleiros a quem foram distribuídos os cavalos da equipa, pudessem no decorrer deste ano lutar com alguns dos seus possíveis adversários nos próximos Jogos de Londres, saindo do ambiente familiar dos quatro Concursos de que dispomos e do de Madrid no qual, apesar de valeroso, já estamos mais habituados.

Se fosse dada aos nossos representantes a possibilidade de se deslocarem a Lucerna, a Roma, a Bruxelas, à Irlanda e a Espanha, por exemplo para actuarem em mais do que um Certame de envergadura, ser-lhes-ia dado um treino proveitosíssimo e uma ocasião única de bem se prepararem para Londres, adquirindo aquela confiança em si próprios indispensável e atilíssima. A equipa nacional está em condições de se bater, sem quebra de prestígio, com equipas estrangeiras.

Talvez que a notícia da ida apenas a Madrid se não confirme e oxalá que assim seja. Os quatro Concursos com que contamos — Maira, Cascais, Porto e Lisboa — e o da capital espanhola, parecem-nos poucos para a nossa preparação olimpica atingir a perfeição que sinceramente desejamos e se torna indispensável para que se mantenham as tradições da nossa cavalaria.

Concursos no estrangeiro não faltam. Assim nós os podemos aproveitar para aumentar o nosso prestígio, nam mínimo de esforço se o compararmos com aquele que o Estado já demonstrou a bem do hipismo nacional. O mais difícil está feito. Resta apenas continuar a obra começada em boa hora e levar o sacrifício até ao fim.

Os benefícios viriam a seu tempo.

Antas Teixeira

de 1922, nuns 6 km. à volta do Campo Grande, Albano Marlins bateu Abílio do Nascimento, em 19 m. 50 s. No mesmo ano, o C. S. Pedrouços promoveu uma corrida nos 15 km. que vão de Cascais a Pedrouços, cujo resultado não conseguimos averiguar, mas se repeliu ainda por duas vezes:

em 1923, venceu António Pinto, em 1 h. 12 m., seguido por Domingos Jorge, José Maria Marques, Marques Graça e Carlos Fernandes, do Carcavelos.

Salazar Carreira

(Continua)

VAI o Porto ter mais larga representação nas equipas nacionais. Isto demonstra, afinal, que ainda existe algo de aproveitável, e que a desmoralização é um pouco melhor que as «realidades».

A Indicação de Berrigane, Araújo, Guilha, Lourenço, Celado, Celolino e Pacheco — 7 elementos — deixa ver claramente que o seleccionador nacional não esquece tanto como se diz a gente da «provincia». Sim, nós somos da «provincia»...

♦ VITOR GUILHAR, capitão da equipa do F. C. do Porto, encontra-se de luto, pelo falecimento de seu pai, importante vilicultor no Douro e proprietário em S. Tomé.

Conhecíamos a veneração que o correcto desportista sentia por seu pai e por isso avilamos a sua dor. Santidas condolências.

♦ QUANDO parecia que Dias dos Santos seria vencedor do campeonato regional de independentes sem qualquer derrota — obteve Rogério Coelho, do Salgueiros, uma excelente vitória.

Ainda bem. O campeonato regional estava sem graça alguma. Dias dos Santos, vencedor certo — aborrecia...

♦ NOVA derrota para os clubes portugueses. O Boavista, em S. João da Madeira, e o Porto, no Lima. Claro que a derrota dos campeões regionais não poderá surpreender tanto, embora se desse no terreno da casa. Ser derrotado pelo Sporting, campeão indiscutível, não pode amolecer brios. Mas o Boavista precisa de ser cauteloso.

As posições finais começam a constituir sério perigo. Muita atenção...

♦ BOAVIDA é um rapaz que procura jogar com toda a energia, aplicando-se sempre com uma dedicação surpreendente. Não estamos em presença de um jogador perfeito, sabedor de arte do futebol. Mas, façamos-lhe justiça: — Boavida revela um temperamento que muitos dos seus colegas não possuem. É pena.

♦ VOLEIBOL é um desporto que no Porto se pratica com entusiasmo. Cautela, entretanto, com os excessos. Há dias, num jogo Porto-Leixões, chegou a taldar-se o ambiente...

O F. C. do Porto, nesta modalidade, segue em 1.º lugar. Possui, na verdade, a equipa mais bem organizada desta cidade. Vê-se ali ainda o dedo inteligente de Fernando Castro.

♦ PARECE que o encontro Portugal-Espanha em atletismo sempre será apreciado no Porto. Oxalá seja assim. Mas, a verificar-se tal facto, deve o Académico ou quem de direito mandar reparar convenientemente a pista do Lima.

♦ VISTO que falámos em concertos, julgamos que também a pista de ciclismo do mesmo Estádio precisa de reforma. Anuncia-se uma época movimentada, neste desporto, mas será bom que os praticantes possam defender a sua chance sem arietas de qualquer natureza.

♦ ESTIVERAM no Porto, a fim de

Representantes do Porto...

Quase constantemente, lemos nos jornais que a Federação X elegeu os seus representantes. E vulgaríssimo. No ciclismo, no atletismo, no andebol, no basquetebol — nesta ou naquela modalidade...

Mas também é vulgaríssimo, entretanto, encontrarmos nos elencos federativos nomes que representam o Porto... e são muitas vezes adversários do mesmo Porto!

Ora, digam o que disserem, aleguem o que entenderem, não concordamos de nenhum modo com a escolha francamente bizantina das Associações portuguesas, de mais a mais sabendo-se que em Lisboa vivem muitos amigos devotados da segunda cidade do país.

Não queremos com isto dizer que os elementos eleitos como representantes do Porto não tenham as qualidades indispensáveis para bem dirigir um organismo federativo...

Mas... se nos dão licença para discordar, parece-nos que ninguém melhor que um nortenho ou como tal conhecido poderá defender os interesses do desporto da sua terra. Conhecemos alguns elementos escolhidos para representar o Porto. E sabemos, sem sombra de dúvida, que estão intimamente ligados a importantes clubes da Capital, tendo alguns deles passado, mesmo, pelas suas gerências.

Podem estes desportistas resolver com critério imparcial assuntos que interessam ao Porto e ao «seu» próprio clube? Não duvidamos da sua honestidade no campo dos desportos, mas até aconselha o bom senso que a sua exclusão se faça, a fim de não ficarem colocados em situação difícil em certos momentos.

Em Lisboa existe um organismo que se chama «Casa do Distrito do Porto». Porque não se lhe dirigem as Associações a pedir a colaboração de alguns sócios desportistas, que os tem por certo? Porque se apontam elementos estranhos à região, quando não será difícil escolher cuidadosamente quem possa servir esta terra?

Não se pense que escrevemos este artigo por egoísmo ou estamos interessados em eleições presentes ou futuras. Nada disso. Desejamos unicamente contribuir na medida do possível para a valorização do desporto português, colocando à sua frente pessoas que o entendam convenientemente.

Não será assim?

assistir ao jogo entre os campeões regionais e o Sporting, cerca de mil adeptos do clube lisboeta. Tudo correu, pode afirmar-se, dentro da melhor ordem. Os torcedores do Sul puderam expandir-se à vontade, e os do Norte, vários milhares, não lho levaram a mal.

Ninguém se lembrou, e nem seria caso para tal, de represálias de qualquer espécie. Excelente. O futebol precisa de adeptos entusiastas mas correctos.

♦ VOLTARÁ Correia Dias? E Gomes de Costa? Nós já nada diremos sobre o assunto. Damos apenas contas de boatos, apenas para fixar uma notícia. Também, para jogar amanhã e falar depois, será melhor que o F. C. do Porto pense noutra assunto...

♦ CAIADO — dizem, joga de má vontade. O Fernando está cheio de convites, de promessas tentadoras. E como são feitas por clubes de fora do Porto — tudo estará bem...

Se uma colectividade cá de terra se dispusesse a conquistar Celado — Santo Deus! Cairiam as duas pontes, o Carmo e a Trindade...

Assim, tudo estará certo.

♦ O ACADÉMICO, segundo foi conhecido, felicitou o Benfica pela sua vitória no ciclismo, assim como pelo seu regresso à modalidade. E em Malozinhos, adeptos do Leixões presteram homenagem ao Sporting, quando da sua recente visita.

Vê-se, portanto, que a boa marcha de clubes estranhos ao Porto é festejada cá no burgo. Não se diga, evidentemente, que há falta de boa camaradagem e de boa noção desportiva, pelo menos em casos como este...

♦ PUBLICARAM os jornais que o Sporting abonou o Estado a quantia de 1.500 contos, pelo «Fundo de Compensação». E outros subsídios favoreceram já várias colectividades, especialmente as de Lisboa. Achamos de aplaudir esta decisão dos poderes públicos, a quem o desporto já interessa bastante.

Não poderia o F. C. do Porto, que tem vivido com dificuldades, e não possui campo de jogos, candidatar-se para idêntico benefício? Os seus 41 anos de actividade honrosa, o seu prestígio no Norte e em todo o país não mereciam ser compensados?

Seria um acto de justiça que

Crítica

Gostamos bastante de ler a crítica inteligente. E que possa ler-se, por bem escrita e convenientemente filtrada. Podem os seus comentários traduzir uma opinião própria, discutível. Pode estabelecer uma discordância com determinado critério ou ponto de vista. Se quem escreve tiver bom senso — valorizará o seu trabalho, dando prestígio ao desporto e ao jornalismo.

Mas, nem sempre acontece assim. Levantam-se arietas aqui e ali, e «todo o mundo» se julga autorizado a discutir problemas de ordem técnica, a impor as mais variadas directrizes, a comentar sem elegância ou ferir o trabalho alheio sem cuidado e ponderação.

O que mais confrange, nessa espécie de crítica, é a maneira petulante como se pretende expor. O espírito de reduzido engenho torna as ideias vaidosas, e daí a série de disparates vomitados em público, muitas vezes encobertos pelo anonimato ou consentidos pela responsabilidade defeituosa de alguns.

A crítica permite a discussão alterosa, sem dúvida, mas precisa de ser categorizada e segura. No jornalismo emprega-se gente que não usa a tranca no lugar da pena, que sabe dizer e ensinar, e por isso surpreende o atrevimento dos restantes.

É triste. O público habituou-se a ler mal, a seguir mal os problemas, — induzido em erro grave por quem se lembrou de fazer figura à custa de estranha condescendência. Contra isso devem opor franca barreira os bons profissionais do jornalismo e mais nitidamente os órgãos que admitem nos seus elencos pessoas de tal quilate.

A não ser assim, os jornais apenas servirão para provocar riso, para gergalhar desmedidamente, — o que talvez constitua concorrência desleal para as publicações onde o humorismo se cultiva a troco de oito tostões...

todos os portugueses apreciariam convenientemente.

♦ EM Guimarães, Boavida marcou 3 das 4 bolas do seu clube. O rapaz não joga... Mas isto de marcar bolas, afinal, não é jogar? O Porto em dois jogos (contra o Sporting e contra o Vitória de Guimarães) obteve 6 bolas. E 5 dessas foram obtidas pelo avançado-centro vindo das «reservas». E não se esqueça também que se aprende... jogando! Os jogos é que fazem os jogadores e tem de ver-se a Boavida muitas tardes péssimas. E' da lei.



A notícia de que tinham sido concluídas com êxito as negociações para a vinda a Lisboa do Vasco da Gama, famoso clube do Rio de Janeiro, provocou no Brasil a mais viva satisfação. Em vista do interesse suscitado, o sr. Carlos Frias, dos «Diários Associados» e da Rádio-Tupy, que se encontra no nosso país, em missão jornalística, ouviu sobre o assunto o sr. João Pereira da Rosa, director de «O Século», a quem se deve a iniciativa, prof. André Navarro, vice-presidente da Comissão Executiva das Comemorações do 8.º Centenário, e o nosso chefe de Redacção, Tavares da Silva, os quais gravaram em discos na Emissora Nacional, em reportagem que será radiodifundida no Brasil, as suas impressões sobre o Vasco da Gama, o futebol brasileiro e o que representa a visita do grande clube carioca a terras portuguesas.



O BENFICA em festa

O Benfica festeja actualmente o seu 43.º aniversário. Na sua sede efectuou-se uma sessão solene, a que presidiu o sr. Ministro da Educação Nacional, que distribuiu medalhas aos sócios com mais de 25 anos de actividade clubista. No campo foi também inaugurado um medalhão com a effigie do falecido Alvaro Gaspar, o saudoso «Chacha». Vê-se um aspecto da cerimónia nesta gravura.



O ELVAS ganhou ao Belenenses



Doas fases do jogo Elvas-Belenenses. Os lisboetas estão ao ataque, mas o guarda rede local opõe-se às suas tentativas, não deixando marcar



Boavista-Famalicão

Os famalicenses atacam com energia, mas não obtiveram qualquer ponto. O Boavista sabe marcar, desta vez

